

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE HISTÓRIA ECONÓMICA E SOCIAL

Revista Portuguesa de História

TOMO XVII

HOMENAGEM AO DOUTOR TORQUATO DE SOUSA SOARES

II



COIMBRA/1977

ALGUNS ASPECTOS DA OBRA EXEGÉTICA DE FR. JERÓNIMO DE AZAMBUJA (OLEASTRO), O.P.

A anteceder o seu comentário ao Pentateuco, Fr. Jerónimo de Azambuja (7-1563), O.P. (*), um dos exegetas portugueses mais insignes de todos os tempos, inclui os famosos *Canones ad Sacrarum Literarum Lectionem, ac lucidiorem cognitionem perutiles* e os *Hebraismi*, que se julga terem constituído inicialmente uma obra independente mas que hoje não se conhecem a não ser anexos ao referido comentário.

Tanto os *Canones* como os *Hebraismi* constituem um vasto manancial de princípios e orientações de carácter exegético-filológico onde o seu autor revela à saciedade a extraordinária cultura bíblica que possuía e o domínio perfeito que tinha do idioma hebraico. O leitor, ao percorrer hoje o que Azambuja escreveu há cerca de quatro séculos, não

0 Sobre Fr. Jerónimo de Azambuja (Oleastro), vid. o que escrevemos no livro *A Cátedra de Sagrada Escritura na Universidade de Coimbra — Primeiro Século (1537-1640)*, Coimbra, 1974, págs., 16-19, onde se apresenta a respectiva bibliografia. Pensamos num próximo estudo sobre a história da exegese bíblica em Portugal dar uma visão mais completa sobre a vida e a obra de Azambuja. Para o presente artigo, servimo-nos dos seguintes exemplares existentes na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: *Commentaria in Mosi Pentateuchum* (o título completo, bastante sugestivo, é: *Reverendi Patris Fratris Hieronymi ab Oleastro Lusitani, Praedicatorii Ordinis, ac Sacrae Theologiae Professoris, atque haereticae pravitatis apud Inclytam Olyssiponem Inquisitoris Commentaria in Mosi Pentateuchum, iuxta M. Sanctis Pagnini Lucensis eiusdem ordinis interpretationem: quibus Hebraica veritas exactissime explicatur: et quae ad morum compositionem aptari possunt: ex ipsius literae penentralibus seorsum annectuntur. Opus sane, et doctis, et indoctis usui futurum*), Lisboa, 1556 (cota: 2-21-5-17). Esse exemplar pertenceu a Santa Cruz de Coimbra e tem a nota: «está expurgado». Efectivamente, o prefácio de Oleastro está bastante riscado e o mesmo se pode dizer de outras partes da obra. Na Biblioteca Nacional de Lisboa (cota: R-7098) existe uma edição de Antuérpia (1568) que não foi objecto de censura, pelo que tanto o prefácio como o resto do livro se podem ler perfeitamente. — Para o comentário a Isaías, servimo-nos do exemplar que tem a cota: 4-16-25, cujo título é: *R. P. Hieronymi Oleastri in Isaiaem Prophetam Commentarii*, Paris, 1622.

pode deixar de admirar a sua grande craveira intelectual e a sua forte envergadura de exímio comentador escriturístico e filólogo consumado.

Também o *prefácio* que antecede a dita obra se reveste de um interesse muito particular. Ai Oleastro diz, entre outras coisas, quais os motivos que o levaram a optar por um trabalho de versão directa dos originais com base na tradução feita por Sanctes Pagnino, pondo de parte a Vulgata que, como afirma, não oferecia segurança e confiança ao exegeta.

Sobre os *Cânones*, os *Hebraismi* e o *prefácio* temos em preparação um artigo no qual procuramos pôr em destaque os seus pontos mais relevantes.

Nestas breves notas apenas temos em vista chamar a atenção para as apreciações de D. Jerónimo Osório e de André de Resende que precedem, respectivamente, os comentários ao Êxodo e ao Levítico. Dada a autoridade de quem as escreveu e o valor do seu conteúdo intrínseco, pareceu-nos digno de interesse tecer algumas considerações sobre as mesmas, procurando o mais possível aduzir os próprios textos para melhor se apreciar o pensamento dos seus autores.

E aproveitaremos também para pôr em relevo as ideias mais importantes contidas no prefácio do comentário a Isaías, as quais revelam claramente a categoria superior do ilustre exegeta dominicano.

D. Jerónimo Osório (1506-1580), grande humanista e teólogo português, estudou em Salamanca, Paris e Bolonha, tendo depois conhecido em Itália insígnies humanistas como Sadoletto, Bembo, etc. Em 1560 era nomeado arcediogo de Évora, e em 1564 bispo do Algarve, primeiro com sede em Silves (1564) e depois em Faro (1577). Alcançou grande reputação europeia como escritor novilatino e correspondeu-se com algumas das figuras intelectuais mais gradas da Europa. Montaigne escreveu acerca de Osório : «o bispo Osório, o melhor historiador latino da nossa época». Na Inglaterra, onde era muito lido, tomou-se tomou-se objecto de grande admiração, inveja e controvérsia.

Além da história do reinado de D. Manuel em latim, publicada em 1571, baseada na *Crónica d'El-Rei D. Manuel* (1566) de Damião de Góis, escreveu vários tratados em que procura conciliar a verdade católica com os ensinamentos da Antiguidade Clássica. De destacar também algumas obras bíblicas, como *In Zachariam Prophetam*

Commentaria (Colônia, 1584), *In Sapientiam Salomonis* (Antuérpia, 1596), *In Isaiam Paraphrasis, libri V* (Bolonha, 1577), cujo estudo se reveste de enorme importância ⁽²⁾.

No prefácio que escreveu ao comentário de Oleastro ao Êxodo enaltece em termos muito elogiosos o trabalho realizado pelo frade dominicano: «Ex commentariis tuis, quos in libros divinae legis aedidisti, pauca quaedam summa tamen cum voluptate degustavi. Ex illis enim intellexi, quantum certaret prudentia tua cum diligentia».

E referindo-se à maneira como Azambuja faz exegese, diz: «Nihil enim praetermittis, quod quidem ad divinarum rerum explicationem facere videatur. Nam et verborum hebraeorum sententias ponderas, et minutissima quaeque persequeris, et omnes hebraeorum latebras excutis, et abstrusa et abdita perscrutaris, ut ex illis etiam aliquid arripias, quod ad usum sacrossancti illius tabernaculi transferas, quod ut est apud Isaiam, neque moveri a loco in locum, neque convelli, rumpi, neque vetustate ulla consumi potest».

Como escreve Osório, Azambuja procura nos seus comentários bíblicos explicar o mais claramente possível o sentido do texto sagrado de modo a não oferecer quaisquer dúvidas ao leitor: «Nosti enim quare ratione sint Aegyptii, hoc est homines in Deum rebelles et contumaces spoliandi, ut illis opibus quibus ad impietatem, et suorum pestem et exitium abutuntur, Dei templum ornare, multorumque hominum utilitati consulere valeamus. Non igitur es, qui Iudaeorum more, et consuetudine in umbris tantum et imaginibus rerum caelestium spectandis insistas, sed divinatorum hominum sensa rimaris, et mysteria legis ipsius integumentis involuta sapienter explicas, eorumque nobis intelligentiam tradis. Illam itaque rationem quam sequeris, in sanctis literis explanandis, valde probo».

E continuando a desenvolver a mesma ideia, põe em evidência o empenho com que Oleastro se cinge ao sentido literal, evitando a todo o custo cair no defeito de muitos outros que a cada passo recorriam à alegoria: «Nam neque scripta tua allegoriis infinitis nullum exitum habentibus infercis, quod a multis fieri solet, qui quoties in locum aliquem difficilem incidunt, allegoriarum sibi perfugia comparant;

⁽²⁾ D. Jerónimo Osório teve um sobrinho com o mesmo nome do seu, o qual se distinguiu como notável hebraísta, tendo também escrito alguns comentários exegéticos. De ambos falaremos com mais desenvolvimento no trabalho que preparamos sobre a história dos estudos bíblicos em Portugal.

neque rursus quod quidam nimis imperite, ne dicam Iudaicae faciunt, scriptum tantum legis, studiose consectoris, divinum vero sensum qui sub legis involucro latet, abdicas et reicis».

É digno de louvor, pois, Oleastro pela maneira sobria como desenvolve a sua análise exegética, não se afastando nunca do caminho autêntico que o verdadeiro comentador deve seguir: «Imo cum scias legem ipsam rerum divinarum imagines continere, totamque illius sententiam et mentem ad ipsam vim divinam, et sanctissimum Christi numen esse referendam, tota mente, atque omni studio in divino legis sensu pervestigando et eruendo versaris, ita tamen, ut minime ab ipso-um verborum significatione discedas».

É que afastar-se do método literal de interpretar o texto sacro significa enveredar por outros caminhos que acabam por deturpar o verdadeiro sentido contido nas palavras escriturísticas : «Recte nanque statuis ineptum esse, cum litera legis, spiritum legis ipsius adumbret, viamque monstret, qua veritatis ipsius involutae intelligentiam assequamur, hac via neglecta, aliam inire. Quid enim minus convenit, quam cum lex ideo literis ad memoriam sempiternam consignata fuerit, ut indicaret nobis viam, qua possemus ad divinum sensum pervenire: literarum sanctarum ductu neglecto, alias sibi vias quemque aperire, praecipitemque eo ferri, quo se commode expedire non possit? Quod necesse est eveniat plerumque omnibus, qui verborum vim, quibus ipsa sententia continetur, negligendam existimant. Dum enim de via deffectunt, quam literae sanctae monstrant, aliisque viis ingressi, ea quae latent in ipsis sacris literis temere scrutantur, in sententias ineptas incidunt, multaue frigide et insulse comminiscuntur».

Por isso, louva mais uma vez o grande exegeta dominicano : «Te igitur satis laudare non possum, cum sic regiam viam ingrediaris, ut in alterutram partem tibi minime declinandum existimes».

Osório alude a seguir ao facto de Oleastro aproveitar frequentemente as suas explicações bíblicas para falar da disciplina dos costumes, da santidade da religião, da piedade e da caridade. Tal processo de comentar o texto sacro é sumamente recomendável, como ensina a Sagrada Escritura: «In quo vero cuneta ad morum disciplinam, ad religiones sanctitatem, ad pietatis et caritatis studium conferenda censes, ipsius legis quam explicas, finem prudenter attingis. Finis siquidem legis est, caritas, ex corde puro, et conscientia bona, et fide non ficta. Quod si beati sunt, qui scrutantur praecepta Domini, et in studio legis divinae noctes et dies consumunt, et si qui multos erudiunt ad iustitiam,

quasi Sol aeterno splendore collucebunt, utrumque tibi de divina gratia et bonitate polliceri potes, quando non solum tota mente in legis ipsius studio versaris, verumetiam quamplurimos his tuis commentariis ad iustitiam instruis, omnibus sanctarum literarum studiosis fructum tuae eruditionis impertis».

E termina deste modo o seu parecer sobre a obra exegética de Oleastro: «Plura tecum de tuis scriptis communicabo, cum primum per otium mihi omnia legere, et pertractare licuerit. Te tamen intérim adhortari non desistam, ut alias sacrarum literarum partes explanandas suscipias, ut laboris, et industriae tuae praemium actum, et amplificatum a Deo consequare. VALE».

O prefácio de Jerónimo de Brito que vem logo a seguir ao de Jerónimo Osório, com data de 26 de Janeiro de 1556, é igualmente uma apreciação muito elogiosa do labor exegético de Jerónimo de Azambuja. Pondo em paralelo o esforço de Azambuja com o de outros escritores do tempo, escreve: «Itaque hominum depravata vituperandi libido, quae in aliorum opera effrenate seviit, multorum ingenia, ac praesertim Lusitanorum, a maximarum rerum studiis retardavit; ut licet bonis Artibus et ingenio pollerent, raro tamen in lucem ausi sint prodire. Quo maiore laude dignus est Hieronymus ab Oleastro, vir singulari doctrina ac virtute praeditus, instituti praedicatorum decus; quando nec timore hoc est impeditus, quo minus cogitationes suas literis manderet, atque pro viribus Ecclesiae utilitati consuleret».

Mas o que mais impressionou Jerónimo de Brito foi o facto de Azambuja ter sabido de forma exímia associar a interpretação literal à espiritual ou mística: «Qua in re quantum eruditionis ac doctrinae ostenderit, aliorum si iudicio; mihi vero in hoc opere id praeclarum videtur, quod non modo Scripturae sensus explanat, verum illam ad mores et instituta vitae sapientissime transfert, atque mirifice cum literae explicatione, spiritum coniungit».

*
**

Também André de Resende (1507-1573), outro grande humanista português, discípulo de Nebrija e Aires Barbosa em Alcalá de Henares e Salamanca, e frequentador em Lovaina de um círculo de amigos de Erasmo, de que faziam parte os humanistas Conrado Goclénio, Rutgero Réscio, João de Campen e Nicolau Clenardo, e autor de importantes obras de carácter humanístico, escreveu uma breve intro-

dução a um comentário bíblico de Oleastro ao Levítico. Aliás, ela é dedicada a D. Henrique, como se lê no próprio título: «Divi Emmanuelis Lusitaniae Regis, Pii, Foelicis, Invicti, Filio, D. Henrico, S.R.E. tituli Sanctorum quatuor coronatorum presbytero Cardinali, ac primo Eborensi ecclesiae Archiepiscopo Domino suo, L. Andr. Resendus, indignus sacrae theologiae professor, S.P.D.».

Começa por dizer que, tendo ido a Lisboa, aproveitou para visitar Jerónimo de Azambuja, cujas qualidades enaltece de forma bastante laudatoria: «Adcitus a te Olisiponem, princeps sacratissime, et a meis studiis aliquantis per feriatu, dum domo absum, et ea quorum gratia mea advocaras perficio, soleo convenire interdum religiosum ac bene doctum virum F. Hieronymum Oleastrensem, sacrarum literarum ex illustri Divi Dominici instituto professorem, adlectum per te in hac Olisiponensi dioecesi (*sic*) ad inquirendum de haereticis, et in tenenda religione factiosis. Quod tametsi libenter facio, et propter viri non vulgarem eruditionem, et quia olim a prima fere adolescentia in coenobiali conversatione studia coniunxeramus, ob id tamen libentius, quod dignum eum ipsum iudicasti, quuius (*sic*) fidei provinciam non minus magnam quam periculosam, et summa morum ac religionis integritate indigentem, delegares».

E prossegue, falando da ocasião que se lhe proporcionou para ler os comentários de Oleastro ao Génesis e ao Êxodo e para dizer da impressão que os mesmos lhe provocaram: «Interea obruente nos Divi Ioannis III fratris Germani tui, regis autem nostri, et, ut vere dicam, patriae parentis, interitu, ac dum iusta non persolvuntur insequito iustitio, quum tum ex publica maestitia, tum vero ex tua, animo nescio dissolutone magis, an destituto, ad illum venissem, legendos mihi dedit suos in Genesim et Exodum commentarios, non longos illos quidem, sed quantum ad rem attinet longe copiosissimos. Quos quum ego, partim ut languenti animo sacrarum literarum lectione subvenirem, quibus et professionis instituto, et mentis propensione, quasi obaeratum me sentiebam, partim ut adultae iam aestatis caloribus intra parietes facilius me absque taedio continerem, attente et cum delectu semel iterumque legissem, immane dictu cum placuerint, quam probaverim, quam amaverim, quam studiosis omnibus ex hebraicae linguae salebris germanum literae et contextus sensum eruere cupientibus necessarios existimarim».

E, falando de si mesmo, diz como lhe foi útil a leitura daqueles comentários, pois permitiram-lhe a intelecção de certas passagens

difficilis que antes permaneciam obscuras: «Ut de me ipse loquar, ex non paucis equidem obscurorum locorum difficultatibus, quasi oborta insperato luce tandem evasi, et ab aliquot me diu torserant nodis sum extricatus. Imputent hoc imbecillitati qui velint, et ingenii mei quam et ipse fateor tenuitati, et quanto libeat supercilio ac fastu imputent, modo, ut de multis vel unum hoc adducam, ex trigesimi Geneseos capituli posteriore parte, in qua de Iacob cum Laban conventionem et patriarchae astu agitur, sine linguarum praesidio, si possunt, sese expediant. Summa haec est. Ego me hisce commentariis legendis profecisse confirmo, ac alios itidem profecturos certo polliceor, eos praecipue qui saltem mediocrem linguae sanctae peritiam habuerint».

Já que Oleastro lhe dedicara o Pentateuco, também Resende achou oportuno dedicar a D. Henrique esta breve introdução: «Id tuae celsitudini, Principes sacratissime, testatum propterea volvi, quod noster ipse Hieronymus eos tuo iure dicavit. Simul, quia candoris maxime ingenui est, laboribus alienis, si per illos profeceris, gratiam habere, si non profeceris, neque etiam detrudere». Tem a data de 15 de Julho de 1557.

Na dedicatória ao Card. D. Henrique, entre outras coisas, Azambuja recorda o Instituto criado em Évora por aquele purpurado da Igreja para a reforma do clero: «Neque omittam insigne illud pedagogium, quod apud Eboram tuae dioecesis metropolin reformatis clericis sodalitati salvatoris construxisti. Quo quidem et tenerae iuventuti, et ecclesiis, ut in praesens, et in futurum praedicatoribus abundarent, consuluisti. Ibi enim non tantum literas discunt, sed (quod longe melius est) et defecatisimos mores cum lacte camis imbibunt».



Antes de iniciar a exegese de Isaías, Oleastro fornece alguns elementos que podem ajudar o leitor a compreender melhor o pensamento do profeta. Trata-se, efectivamente, de considerações que se revestem de muito interesse para possibilitar a captação do sentido genuíno que esteve na mente de Isaías.

Segundo Azambuja, que se serve de algumas frases contidas no cap. 1, o hagiógrafo propõe-se:

1 — dizer ao povo que lhe estão reservados muitos e grandes benefícios (v.2: «filios enutrivi et evexi» — בְּנִים גְּדֻלָּתִי וְרוֹמְמֹתִי);

2 — anunciar que o povo foi ingrato para com o seu Deus (v. 2 : «ipsi autem rebellaverunt in me» — **וְהֵם פָּשְׁעוּ בִּי**);

3 — vaticinar males futuros e iminentes por causa das infidelidades cometidas (v. 4: «vae genti peccatrici, populo gravis iniquitatis» — **הוֹי הוֹי גּוֹי חַטָּא עִם כְּבֹד עֹן**);

4 — profetizar uma era de consolação para os justos com promessas grandiosas de toda a sorte de bens, em particular com o anúncio do Messias (v. 9: «nisi Dominus Sebaot reliquisset nobis semen quasi Sodom fuisset, et Gomorrhæ similes» — **לִגְלִי יְהוָה צְבָאוֹת הוֹתִיר** — **לָנוּ שָׂרִיד בְּמַעַט בְּסֹדֶם הָיִינוּ לְעִמְרָה דְּמִינוּ** v.26: «restituam iudices tuos, sicut fuerunt ab initio: post haec vocaberis civitas iustitiae et fidelis» — **וְאֲשִׁיבָה שְׂפָטַי בְּבְרֵאשֵׁנָה אֲחֵרֵי־כֵן יִקְרָא לָךְ** (וְיַעֲצִיף בְּבִתְחִלָּה; עִיר הַצְּדִק קָרְיָה נְאֻמָּנָה).

O nosso exegeta chama a atenção para o facto de na Sagrada Escritura, especialmente nos profetas, se empregar por vezes o nome de Israel não com o sentido de povo hebraico que nasceu de Jacob segundo a carne, mas aquele que nasceu segundo o espírito, como se

lê em S. Paulo: *οὐ γὰρ πάντες οἱ ἐξ Ἰσραήλ, οὗτοι Ἰσραήλ. οὐδ' οὗτοι εἰσὶν σπέρμα Ἀβραάμ, πάντες τέκνα, ἀλλ' ἐν Ἰσαὰκ κληθήσεται σοι σπέρμα. τοῦτ' ἔστιν, οὐ τὰ τέκνα τῆς σαρκὸς ταῦτα τέκνα τοῦ θεοῦ, ἀλλὰ τὰ τέκνα τῆς ἐπαγγελίας λογίζεται εἰς σπέρμα* (Rom. 9, 6-8).

Ou seja, não são filhos da promessa aqueles que são filhos segundo a carne, mas sim os que seguem os vestígios da fé do nosso pai Abraão.

Outras ideias postas em evidência por Azambuja em ordem a uma melhor inteligência do texto sagrado: Israel no fim dos tempos será reconciliado com Deus, conforme se depreende das profecias de Oseias, de Malaquias e de S. Paulo na Carta aos Romanos; as profecias devem ser aplicadas não só ao Messias mas também à Igreja, sempre que isso se proporcione, evidentemente, como faz Cristo no seu Evangelho. Os profetas servem-se, muitas vezes, de ficções, de inúmeras imagens, a fim de exagerar as coisas que narram, como sucede em Isaías (14, 10), por exemplo, quando os mortos depois de ressusci-

tados vão ao encontro do rei dos assírios e o insultam nestes termos: «Item vulneratus es, sicut et nos: nostri similis effectus es» —

גַּם־אַתָּה חָלִיף כְּמוֹנוֹ אֲלֵינוּ נִמְשָׁלְתָּ.

Os profetas falam frequentemente da destruição de reinos, de terras e de povos como se tudo já tivesse sucedido. Ora, há muitos vaticínios proféticos deste género que se referem ao futuro, pois só se realizarão no fim dos tempos.

Os vates sagrados combinam amiúde os males pretéritos e presentes com os futuros, sendo difícil tantas vezes fazer a distinção entre os tempos em causa.

Quase todos os profetas profetizam uma certa fase da história em que os eleitos se verão cumulados de toda a espécie de bens. Ezequiel, por exemplo, fala do templo e da cidade de Jerusalém em termos que parecem referir-se antes aos tempos passados e, além disso, podem induzir em certos erros: «Est etiam aliud quod advertere debeas, omnes fere Prophetas, quendam electorum statum, bonis temporibus affluentem, suis vaticiniis praedicere: temporalem quidem, si litterae corticem spectes; quemadmodum videre est in Ezechiele, ubi de templo et urbe Ierusalem extremis temporibus construendis, de sacerdotibus, sacrificiis, ac terrae divisione per sortes, Prophetae sermo perorare videtur: quasi si Christianus lector ad litterae corticem interpretetur, eum in iudaicam perfidiam, aut Millenariorum haeticorum, quorum Augustinus meminit, errorem incidere necesse erit: quae omnia ad mentem divi Ioannis in Apocalypsi collimanda sunt».

Oleastro é preemptório. Prefere o sentido literal na interpretação do texto sacro: «Illa tamen salva fide, iuxta litteram intelligi possunt, egoque sic, et non spiritualiter intelligenda putarem, ne omnia, non sine Iudaeorum ridiculo, ad spiritum referamus».

Torna-se igualmente difícil conhecer nos escritos proféticos os tempos em que certos factos aconteceram ou virão a acontecer. E prosegue: «Similiter de Christo quidam multa, quae alii de Ecclesia, aut aliis intelligunt: ut in psalmis frequentissime deprehendes, quae de illis, quibus pensatis omnibus litterae circumstantiis, melius accomodari possunt, intelligenda sunt». E chama a atenção para certas interpretações que, segundo a sua opinião, são erróneas pelo facto de pretenderem defender que algumas profecias se realizam no decurso dos tempos. Dá a propósito o exemplo de Is. 9, 6: «Vocabitur admirabilis, consiliarius, pater futuri saeculi» — ' **וַיִּקְרָא שְׁמוֹ פֶּלֶא יוֹעֵץ אֲבִי־עַד** -

que, de acordo com a interpretação de S. Bernardo, teria duas fases na sua aplicação: «In priori enim adventu fuit admirabilis, consiliarius fortis; sed alio tempore, erit pater futuri saeculi, ac princeps pacis: sed quaeque suo tempore».

Os profetas abordam certos temas de forma bastante obscura e pouco inteligível, pelo que se deve recorrer a outros passos bíblicos para se poder interpretar rectamente o que nem sempre é narrado com a desejada clareza. Dá o exemplo de Is. 18, 1-2: «Vae terrae umbrae alarum, quae est trans flumina Aethiopiae, quae mittit per mare lega-

tos, et in navi iuncea super faciem aquarum» — **הוּי אֶרֶץ צְלִצְל**

בְּנִפְיָם אֲשֶׁר מֵעֵבֶר לְנְהַר־כוֹשׁ: הַשְּׁלַח בֵּינָם צִירִים וּבְכָל־

מִיָּם, escrevendo a propósito: «Qui locus mihi

magnum negotium fecit, dum illum tractarem; sed dum Ezechielem alicubi legerem, ea quae Isaias obscure dixerat, paulo clarius dicta inveni, ubi sic dicit: «In die illa egredientur nuncii a facie mea in navibus, ad terrendum Chus, seu Aethiopiam, habitantem confi-

denter» — **בְּיֹם הַהוּא יֵצְאוּ מִלְּאֲכָרִים מִלְּפָנַי בְּצִיִּים לְהַחְרִיד**

אֶת־בוֹשׁ (Ez. 30, 9). Por isso, escreve: «Quod cum occurrit

videndum est, an aliquis alius Prophetarum eadem tractet, qui magis illa explicet».

Os profetas falam algumas vezes de um tirano com o nome de outro, como sucede com Ezequiel que anuncia a destruição de Tiro por Nabucodonosor, o que, de facto, nunca sucedeu, pois quem sitiou e arrasou aquela cidade foi Alexandre Magno. Deve, pois ler-se Alexandre onde está escrito Nabucodonosor.

Nota-se também que os profetas fazem transposições frequentemente, pelo que se toma extremamente difícil acompanhar o seu pensamento. Assim, Isaías ao tratar da carnificina dos moabitas, imediatamente passa a falar do Messias, o que pode desconcertar o leitor desprevenido.

Os vates sagrados dissertam nas suas obras não só das coisas boas e más que dizem respeito aos israelitas mas também das desgraças e ruína dos povos que habitavam próximo da Terra Santa, como os egípcios, os arménios, os assírios, os sidonienses, os filisteus e outros muitos, «qui aut infensi, aut propitii fuerunt Iudaeis, de quibus propter

Iudaeos ipsos tractare videntur, ut intelligas quanti Dominus faciat suos».

É frequente suceder que os profetas alteram com muita facilidade a ordem das coisas e dos acontecimentos. Não estão preocupados com o rigor e a precisão da sucessão dos factos históricos, pelo que há toda a conveniência em procurar dar-lhes a devida ordenação ao comentarem-se os livros sagrados para não se cair em erros.

Oleastro admite, como não podia deixar de ser, que há textos que devem ser interpretados não «iuxta literam, seu eius corticem», mas «quae ad litterae spiritum sunt collimanda». O exemplo de Is. 11, 6 é esclare-

cedor: «Habitabit lupus cum agno» —

וְגַר זֵאֵב עִם-כֶּבֶשׂ

Azambuja diz a terminar que muito mais haveria a dizer acerca do modo como se devem interpretar os escritos dos profetas, e dá alguns conselhos: «Alia plura sunt de quibus etiam hic esses admonendus, quae aut memoriae nunc non occurrunt, aut talia sunt quae tu facile possis advertere. Neque animum despondeas, si statim prima fronte non intellexeris, quae in Prophetis obscura legeris; quoniam laboribus et precibus, tandem germanum intellectum consequeris; aut saltem pium aliquem, quo proficere possis. Arbitror etiam aliquos esse, qui Prophetarum mentem, etiam in locis obscuris, et vix ab homine investigabilibus, consequuti sunt, quoniam Daniele dicentem audio: «Domine quid in novissimo horum?», cui ab angelo responsum est: «Vade Daniel quia clausa sunt, et signata verba, usque ad tempus finis, purificabunt, et probabunt se multi, et impie agent impii, neque intelligent omnes impii, et intelligentes intelligent». Isto para demonstrar como se torna necessária a piedade e a boa preparação espiritual para poder perscrutar os mistérios contidos no texto inspirado. Aproveitando-se das palavras isaianas: «signare legem, ligare testimonium in discipulis suis», completa o seu pensamento já antes suficientemente expresso com estas palavras: «Intelligunt etiam legem ac Prophetas discipuli Domini, quae clausa sunt his qui sine Deo volunt Scripturam intelligere».

O leitor, se tiver em atenção estas admoestações, poderá sem temor abeirar-se do livro divino e sem dificuldade compreenderá o sentido autêntico das palavras bíblicas.

E antes de concluir refere-se ainda à importância que lhe mereceu a exegese literal do próprio texto sagrado em detrimento das interpretações já feitas: «Est autem mentis nostrae in Prophetis quemad-

modum in omnibus aliis Sacrae Scripturae libris, non aliquam editionem interpretari, sed veritatem ipsam hebraicam; non quod interpretationes, aut interpretes reiiciamus; sed quia nescimus an verum ac genuinum sensum assequuti sint».

Tendo em conta o que se passou com o comentário ao Pentateuco, Oleastro procura no comentário a Isaías tomar mais acessível a explicação dos vocábulos hebraicos, sem com isso tentar esconder as dificuldades ou variedade de interpretação que em certos casos se verificam: «Decrevimus etiam de caetero, a tam exacto hebraicorum vocabulorum examine temperare, quod id, hebraicae linguae ignaris ingratum ac laboriosum ex commentariis nostris super Pentateuchum fore,prehendimus; ubi tamen loci difficultas, aut interpretum varietas id exegerit, non omissuri, quod hoc valde necessarium existimemus, ne ingeniosus lector variam aut vix explicabilem lectionem, quasi praecipuam pertranseat, et ut ex alia vocabuli significatione, germaniorem quam nos, sensum eruere possit».